

Integrar saberes advindos das diversidades culturais: base epistemológica para a educação

EVANETE ANTUNES FERREIRA*

CLAUDIA BATTESTIN**

Resumo: A escrita deste texto é resultante de uma investigação bibliográfica que nos possibilita uma reflexão acerca da necessidade de integração de saberes advindos das diferentes diversidades culturais, existentes no espaço escolar, capazes de serem compreendidas, acolhidas ou trabalhadas por meio de práticas pedagógicas. Nesta dinâmica de pensamento, os docentes e toda comunidade escolar poderão contribuir para a construção de uma educação capaz de acolher e pensar as diferentes culturas e saberes. Para isso, é importante e necessária uma compreensão epistemológica dos saberes, ou seja, é fundamental reconhecer e aceitar diferentes saberes e grupos subalternos como conhecimentos que podem e devem ser reconhecidos. Conforme Souza Santos (2009), nos faz refletir, a epistemologia do Sul é uma tentativa de trazer para “dentro” outros conhecimentos que sejam válidos. Nessa direção, essa escrita reflete acerca do reconhecimento de saberes das diversidades existentes na escola, tendo em vista a necessidade de uma educação intercultural. Por conseguinte, parte do pressuposto de que existem diferentes epistemologias, com as quais convivemos e/ou conflitamos diariamente.

Palavras-chave: Integração de saberes; Diversidade; Escola; Epistemologia.

Integratin knowledge from cultural diversities: Epistemological basis for education

Abstract: The writing of this text is the result of a bibliographic investigation, capable of allowing a reflection on the need for integration of knowledge arising from the different cultural diversities existing in the school space, capable of being understood, accepted or worked through pedagogical practices. In this dynamic of thought, teachers and the entire school community will be able to contribute to the construction of an education that welcomes and thinks about different cultures and knowledge. For this, an epistemological understanding of knowledge is important and necessary, that is, it is necessary to initially recognize and accept different knowledge and subordinate groups as knowledge that can and should be recognized. As Souza Santos (2009) makes us think of the epistemology of the South, it is an attempt to bring other knowledge "inside" that is valid. These are some of the outlines that we will cover in this writing.

Key words: Integration of knowledge; Diversity; School; Epistemology.



* EVANETE ANTUNES FERREIRA é Mestre em Educação pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó-UNOCHAPECÓ; docente na Rede Municipal de Ensino do Município de Maravilha-SC.



** CLAUDIA BATTESTIN é Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel); docente na Área de Ciências Humanas e Jurídicas e no curso de Mestrado em Educação da Unochapecó.



Cultura guarani na comunidade Arapoty no Oeste de SC. Fonte: Battestin, 2020.

Palavras iniciais

A epistemologia é compreendida como estudo do conhecimento, ou seja, conhecimentos produzidos em diferentes campos científicos, com disputas que devem assumir a condição de legitimação. Nessa perspectiva, passamos a observar e pensar sobre os diversos saberes existentes no contexto escolar, como também a respeito dos conhecimentos que muitas vezes são aceitos como válidos e inválidos, mas são intrínsecos da essência de cada

cultura, história e vida dos sujeitos que chegam, neste caso, na escola.

A diversidade de culturas na sociedade contemporânea requer compreender a complexidade da interação estabelecida entre sujeitos de identidades culturais diferentes. Tal complexidade evidencia a necessidade de se fomentar uma educação capaz de ultrapassar o etnocentrismo sociocultural e romper, assim, com a exclusão dos grupos sociais que não se enquadram nos grupos dominantes.

Nesta perspectiva de pensar e relacionar as temáticas, neste ensaio propomos uma reflexão acerca da integração de saberes das diversidades existentes na escola, integração necessária para uma educação que pense o eu e o outro, uma vez que o princípio do “eu” reside no “nós”. Nessa compreensão, podemos afirmar que vivemos imersos nas diferentes culturas e espaços de conhecimento, ou seja, em vez de uma epistemologia, temos diferentes epistemologias, circulamos e convivemos com e entre elas diariamente.

Com essas lentes, falar em diversidade é referenciar também as diferenças e grande variedade de culturas que compõe o mundo todo, o que não é diferente na educação, pois diariamente no contexto escolar estão inseridas as mais diversas culturas, as quais não podem ser ocultadas. Na escola é possível acolher as diversidades, uma vez que nesse espaço ocorrem encontros, existem lugares, memórias, histórias, saberes, experiências, vozes e conhecimentos, é um espaço de diferentes epistemologias.

Nesse anseio, a escrita segue por três momentos de reflexão, o primeiro busca mostrar o que vem a ser Cultura e Diversidade Cultural. O segundo trata da integração de saberes advindos desta diversidade. O terceiro momento busca mostrar a possibilidade de superarmos a tentativa de normatizar uma única epistemologia, e considerar epistemologias, por meio da integração dos diversos saberes no espaço escolar, contribuindo assim para uma educação na perspectiva intercultural.

Cultura e diversidades culturais: sentido e significações

Para sustentar a reflexão sobre a integração de saberes das diferentes culturas, que aqui perspectivamos, necessitamos elucidar os conceitos de cultura, debatendo também as diversidades culturais. Em todo lugar do mundo encontramos sujeitos com diferentes histórias, diferentes costumes e hábitos, diferenças físicas, diferenças de religião, de gênero, de etnia, o que levou a uma extraordinária diversidade de línguas e culturas distintas.

A cultura de hoje é extremamente diversificada e múltipla. Nas palavras de Coll (2002), as culturas agregam um conjunto de crenças, mitos, conhecimentos, instituições e práticas por meio dos quais cada grupo social afirma sua presença no mundo e garante sua continuidade e permanência no tempo. Não são apenas expressões artísticas e folclóricas, pois representam modos de vida que abrangem toda a realidade existencial dos sujeitos e grupos sociais, uma vez que as estruturas econômicas, políticas, jurídicas, religiosas, educativas, científicas, tecnológicas, entre outras, são inscritas e decorrentes de determinada matriz cultural.

Para Geertz (1989, p. 15) “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como essas teias e a sua análise”. Dessa forma, o autor explica a cultura como um emaranhado complexo de elementos que se entrecruzam e cada cultura é uma teia peculiar carregada de significados que se manifestam em forma de sinais, signos, símbolos, rituais, ou seja, são códigos a serem interpretados e decifrados pelo sujeito e, portanto, cada cultura pode ter múltiplos significados.

E ainda, como diz Santos (1984, p. 8), a “cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos”. Desse modo, considerando conceitos citados, é possível pensarmos a cultura como um selo da sociedade, estabelecido por um conjunto de valores, costumes, ideais passados de geração para geração, portanto, não há sociedade desprovida de cultura. Cada povo com a sua cultura, isso resulta nas diversidades culturais que são riquezas da humanidade. Neste sentido Gomes menciona que:

A diversidade pode ser entendida como a construção histórica, cultural social das diferenças. Uma construção que ultrapassa as características biológicas observáveis a olho nu. Nesse sentido, as diferenças são também construídas pelos sujeitos sociais ao longo do processo histórico e cultural, nos processos de adaptação dos seres humanos ao meio social e no contexto das relações de poder. Dessa forma, mesmo os aspectos tipicamente observáveis, que aprendemos a ver como diferentes desde o nosso nascimento, só passaram a ser percebidos dessa maneira porque nós, seres humanos e sujeitos sociais, no contexto da cultura, assim os nomeamos e identificamos (2007, p. 17).

Partindo desse ponto, compreendemos que as diversidades são as diferenças existentes em todos os âmbitos da sociedade, nessa ótica, a diversidade cultural orienta para que direcionamos o nosso pensar no que tange a diversidade das experiências de vida históricas e culturais, pois somos seres únicos em personalidades e também diversos em formas de perceber o mundo, nos remetendo à ideia de diferenças de identidades constitutivas dos seres humanos, das suas organizações sociais,

etnias, nacionalidades, língua, gêneros, orientação sexual e religiosidades.

Conforme o pensamento de Méndez (2009), mais do que conceito, as diversidades culturais são experiências, encontro de pessoas, de povos diferentes, capazes de multiplicar as trocas de saberes, cosmologias, crenças, valores, práticas educativas que constroem a base das mais diversas epistemologias.

Por meio dessa compreensão de cultura e diversidade cultural, podemos nos considerar como sujeitos de cultura, imersos em uma vasta diversidade cultural, sujeitos responsáveis por criar, transformar e manter cultura.

Diversidades culturais e integração de saberes: desafios epistemológicos

A partir dos conceitos mencionados, propomos uma reflexão sobre a integração dos saberes das diferentes culturas. Se a humanidade é composta pela pluralidade e pela diversidade que é a existência humana, não poderia ser diferente com a educação. Com a gama de diversidade existente, a escola não se constitui de um único modelo cultural. Os sujeitos que chegam até ela, são muito diferentes entre si, não só pelas suas origens socioculturais, mas também pelas suas referências identitárias, seus interesses e suas necessidades e desejos.

Por muito tempo, e ainda hoje, as instituições educativas têm sido impregnadas de modelos e práticas com um padrão de hierarquização no qual, assim como as culturas, as epistemologias também foram e são suprimidas com o processo de colonização. No decorrer da história, muito se tem feito para transformar esse cenário, mas infelizmente temos vivido no Brasil muitos retrocessos. Para tanto, sabemos que desconstruir ou reconstruir processos educativos implica sempre em adesão ou rupturas, legitimações ou

críticas, nesse sentido, é necessária uma resistência para que haja renúncia à uniformização de culturas, de saberes e epistemologias.

Para Sousa Santos (2009), faz-se necessário o resgate epistemológico dos conhecimentos nascidos na luta por parte daqueles que têm sofrido as injustiças do colonialismo, do capitalismo, conhecimentos esses nascidos na luta ou nascido fora da luta e usados na luta como modos de resistência. São homens e mulheres de diferentes classes, negros, indígenas, subalternos e outros cheios de conhecimento que podem contribuir para uma sociedade mais justa.

É urgente a necessidade de estimular a consciência das diferenças, considerar a pluralidade de culturas e a complexidade das relações humanas, à luz de questões advindas do debate referente à diversidade. A consciência da diversidade, pela escola, cria condições para o encontro e o diálogo entre culturas, superando a hierarquização e a valorização unilateral.

Nessa ótica, compreender as diversidades descortina o diálogo, “Compreender significa que eu posso pensar e ponderar o que o outro pensa [...]” (HERMANN, 2002 p. 28). Sendo assim, é o mesmo que adotar novos sentidos aos nossos questionamentos. Portanto, é imprescindível termos consciência das contribuições dos diferentes grupos culturais na construção da cultura da humanidade, ter respeito, aceitação e valorização pela cultura do outro, sendo que o estranhamento é gerado pelo desconhecido, assim como o preconceito. Neste sentido, faz-se necessário recuperar muitos saberes suprimidos, deixar ecoar as diferentes vozes.

Na tentativa de resgate epistemológico, Souza Santos propõe as epistemologias do Sul, as quais tentam reparar os danos causados pelos dominantes. Para o autor (2006), as epistemologias do Sul, são o conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam essa supressão, valorizam os saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos.

Nesse viés, é de grande importância que os processos educativos e formativos sejam focados no reconhecimento de saberes e na integração dos mesmos, ou como nos diz Souza Santos “ecologia dos saberes, é uma ecologia porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer a sua autonomia” (2009, p. 44). Ou seja, na ecologia de saberes a que se refere Santos, nós redimensionamos para o contexto escolar como integração de saberes entre as diversidades existentes que, por meio de diálogos e alternativas de mediação, nossos educandos desde cedo têm a possibilidade de estabelecerem conexões e compreensões de que cada cultura tem seu valor e suas peculiaridades.

Partindo dessa compreensão, Souza Santos diz que, “Toda experiência social produz e reproduz conhecimento e, ao fazê-lo, pressupõem uma ou várias epistemologias” (2009, p.09). São essas experiências sociais que devemos permitir nos nossos espaços epistêmicos de ensino, e a escola pode e deve abrir as fronteiras do conhecimento, diariamente.

Permitir que outros saberes adentrem no diálogo em sala de aula, juntamente com o conhecimento considerado científico, é uma forma de fazer ciência com esses conhecimentos que resistem e produzem alternativas para sobreviverem aos processos de dominação, é uma condição

de potencializar os educandos para compreensão com o outro e ter acesso as diferentes epistemologias. Cabe lembrar que, para Souza Santos (2009, p. 18) “a energia deve centrar-se na valorização da diversidade dos saberes para que a intencionalidade e a inteligibilidade das práticas sociais seja a mais ampla e democrática”. Esse é um dos grandes desafios da escola, mas é possível e necessário.

Escola, espaço para compreensão e integração de saberes

O campo educacional, traçado pela presença e manifestação de diversidades, é um espaço extremamente rico para integrar saberes das diversas culturas existentes. É importante pensar nesse espaço como local de recepção de saberes e que pode proporcionar trocas e interações desses saberes. Com essas lentes é que a escola pode e deve alargar os horizontes e contribuir para as vozes suprimidas ecoarem, serem reconhecidas e valorizadas, formando sujeitos de cultura, críticos, questionadores e que superem a monocultura.

Nos espaços de ensino o encontro das diversidades acontece, é visível esse movimento. No entanto, facilitar o diálogo com as diferentes culturas, nesses contextos, é um processo de ressignificação do papel docente, pois o profissional precisa ter convicção das suas concepções do ato de ensinar, suas práticas pedagógicas, seu olhar e entendimento das diversidades e, assim, fará uma relação mais estreita entre o fazer pedagógico e a diversidade, terá um olhar mais aguçado para seu grupo de estudante, é importante o que nos propõe Arroyo, que:

Os professores devem ser capazes de trabalhar em ambientes escolares que possam tornar-se centros de conhecimento coletivo e de solidariedade. Devem estar

preparados para compreender a importância de um discurso democrático e as contradições da diversidade cultural (2000, p. 48).

Nessa perspectiva, a escola pode desempenhar um papel basilar em relação à diversidade como elemento pedagógico no cotidiano, capaz de valorizar e reconhecer os costumes, valores, crenças e hábitos nas vivências diárias. Trazer isso para a sala de aula possibilita ao educando o acesso às diferentes epistemologias, criando possibilidades de superar e confrontar epistemologias dominantes. Mendéz (2009) afirma que uma educação orientada para reverter a forma excludente das diversas culturas dificilmente virá de cima, muito dificilmente será um projeto gerado pelas instituições financeiras, ou por iniciativas oficiais. Sabemos que o sistema educacional em nosso país, como em outros também, é constituído não só pelas políticas educacionais e programas oficiais, como também pelos demais processos educacionais que transcorrem na sociedade e geralmente reproduzem um modelo conforme seus interesses.

No que concerne à escola, um dos movimentos necessários é pensar o currículo como um conjunto de práticas que produzem significados, dispor de um currículo integrado mediante a inclusão de elementos das diferentes culturas, afim de socializar o conhecimento historicamente produzido pela humanidade, possibilitando a participação de todos.

Alicerçado em um currículo bem elaborado, cabe ao docente buscar compreender as diversidades e a partir daí fazer as mediações, intervenções, socializações com o seu grupo de educandos. É preciso prestar atenção nos educandos, à maneira que vão se

manifestando, sobre o que demonstram interesse, seus costumes, e com essa interação entre educandos mediados pelo professor, que provoca a construção de saberes diferenciados. Os saberes, a visão de mundo que o educando traz consigo, o encontro das culturas, abre caminho para o diálogo e reflexão, sendo possível trocas de experiências e integração de saberes. Dessa forma, estimula os educandos ao pensamento crítico e à percepção de que, para o outro, também somos o outro, pois a partir do momento que busco conhecer o outro, o outro me conhece, e juntos aprendemos na criação e recriação do processo cultural. Nesse entendimento, os sujeitos terão consciência que diálogos entre esses diferentes saberes são necessários para alargar os conhecimentos, cada qual operando em contextos e situações distintas, como propõe Méndez:

A escola pode ser lugar para as diversas vozes da razão, é porque pode ser também espaço para o diálogo. Não pode haver diálogo sem diversidade. Reconhecer, valorizar e promover a diversidade de vozes da razão é condição indispensável para que possa haver diálogo e para que – a partir do diálogo – possa gerar-se uma forma alternativa de acesso ao saber. (2009, p. 115).

Corroborando com o autor, vemos o diálogo como forma de acesso aos diversos saberes, se houver diálogo é porque as vozes ecoam, e quando cada indivíduo percebe que sua voz é ouvida e se vê como um sujeito de cultura, compreende que pode e deve contribuir para superar a monocultura imposta, como argumenta Kunz (2001) que, somente na medida em que percebemos como nosso saber e nossa cultura são formados, esse saber e essa cultura poderão nos formar. Dessa maneira, reconhecer a própria história, a cultura e

os saberes populares e regionais, faz com que sejamos indivíduos compreensivos para com o outro, a partir do momento que conhecer a cultura do outro implica estar aberto para o respeito, valorização e cuidado.

Em correspondência com a compreensão da cultura do outro, Silva (2014, p. 96) diz que não podemos abordar as diferenças culturais somente como uma “questão de tolerância e respeito com a diversidade cultural”, mas que, as diversidades existentes são elementos culturais criados e recriados e fazem parte da produção social, contribuindo na nossa caminhada, nos nossos valores e conhecimentos. Dessa forma, desenvolver a interação e a reciprocidade entre grupos diferentes, como fator de crescimento cultural e de enriquecimento mútuo é o grande desafio das instituições de ensino.

É no contexto escolar que o estudante tem a possibilidade de viver a igualdade de oportunidades, igualdade não significa uniformizar culturalmente, mas permitir que cada indivíduo se desenvolva de forma plena, levando em conta o que é próprio da sua cultura. Oportunizar, por meio da integração das experiências, dos saberes que desenvolvam a capacidade de pensar com autonomia, questionar, criticar, produzir dúvidas, estranhamento frente ao que lhe é imposto, integrando assim à sociedade indivíduos que lutam para fazer parte do processo social e não sujeitos dominados.

Nessa perspectiva de pensamento, a escola caminha rumo a uma educação intercultural. Nas palavras de Fleuri (2001, p. 49), [...] “trata-se do desafio de se respeitar as diferenças e de integrá-las em uma unidade que não as anule, mas ative o potencial criativo e vital da conexão entre diferentes agentes e entre seus respectivos contextos”, ou seja, a

riqueza está na multiplicidade de perspectivas que interagem, e assim busca-se a interação e não a anulação. Pensar a interculturalidade supõe uma atitude de respeito pelos valores do outro. Compreender a diversidade não é, portanto, ignorar as diferenças ou impedir o exercício da individualidade, mas favorecer o diálogo, dar espaço aos diferentes.

Pautar-nos na valorização e integração dos diferentes saberes é fundamental para

reconhecer que somos diferentes um dos outros, cada sujeito faz parte de uma matriz cultural, com seus valores e sua cultura. Nessa direção, é necessário adotarmos posturas interculturais, uma educação intercultural na ótica de Fleuri:

A educação, na perspectiva intercultural, deixa de ser assumida como um processo de formação de conceitos, valores, atitudes baseando-se uma relação unidirecional, unidimensional e unifocal, conduzida por procedimentos lineares e hierarquizantes. A educação passa a ser entendida como o processo construído pela relação tensa e intensa entre diferentes sujeitos, criando contextos interativos que, justamente por se conectar dinamicamente com os diferentes contextos culturais em relação aos quais os diferentes sujeitos desenvolvem suas respectivas identidades, torna-se um ambiente criativo e propriamente formativo, ou seja, estruturante de movimentos

de identificação subjetivos e socioculturais (2003, p. 31-32).

Pensar essa perspectiva intercultural é compreender o outro na sua alteridade, ter como base o diálogo e o respeito entre as diferentes culturas. Diante das diversidades culturais, ter a consciência de que é necessário conhecer, entender a cultura do outro, dialogar, interagir, e assim assumir a necessidade da mudança que altere essa forma impregnada de impor culturas dominantes aos grupos, e focar as lentes para a interlocução de saberes, experiências e vivências.

Ainda, conforme Marín (2009), a busca de uma perspectiva intercultural, que admita a igualdade dos conhecimentos, para além de toda categorização e hierarquização impostas pelo etnocentrismo da dominação cultural ocidental, pode permitir a revalorização dos saberes locais e a criação das condições para compartilhá-los em uma perspectiva de complementaridade, que vá para além da mesquinha realidade da lógica do saber, traduzido como poder e como dominação. Trata-se de associar os conhecimentos produzidos pelo ocidente com os conhecimentos produzidos pelas culturas tradicionais, locais ou regionais, considerando seus contextos de produção.

É por meio do reconhecimento das diversidades que aprendemos a conviver e respeitar os outros sem afrontar a dignidade humana, colaborando com a prática da justiça social e cultural. Ainda podemos considerar como um grande desafio para a nossa realidade, um objetivo a ser alcançado.



Cultura guarani na comunidade Arapoty no Oeste de SC. Fonte: Battestin, 2020.

Palavras finais

As palavras finais desta escrita nos levam a pensar que as questões culturais estão presentes em toda a sociedade e em todas as áreas do conhecimento, e influenciam significativamente a educação, questão essa que deveria ser tratada com prioridade. Percebemos que ainda temos muito a fazer, a urgência de sair do discurso e começar as mudanças na prática.

Acreditamos que a escola pode rumar em direção à perspectiva de interlocução dos diversos saberes, quando abandonar a monocultura e tomar uma postura de compreensão e valorização das diversidades culturais encontradas no contexto escolar. Nos argumentos de Gadotti (1992), a escola precisa mostrar aos alunos a existência de outras culturas além da sua, procurar abrir os horizontes,

os alunos compreender outras culturas, outras linguagens e modos de pensar. Educar para a compreensão de que nenhum saber deve prevalecer sobre o outro, identificar nos contextos e práticas, onde cada saber opera, cada qual com a sua importância e validação.

Assumir a diversidade é posicionar-se contra as diversas formas de exclusão e discriminação. É entender a educação como um direito social e o respeito à diversidade, é entendê-la como riqueza e não como problema, é possibilidade de conhecimento e superação de perspectivas hegemônicas, proporcionando troca de saberes, socialização, compreensão e convivência harmoniosa.

Ter consciência que há diferentes maneiras que nos conduzem ao saber, não somente uma única forma, uma

única epistemologia, mas ter a capacidade de não se conformar com o que está posto. Ter o entendimento que o conhecimento científico é uma das dimensões que nos levam ao conhecimento, também os saberes advindos dos distintos grupos culturais e dos subalternos da sociedade, embora não reconhecidas, tem formas legítimas de saber sobre o mundo, onde pertencem. Se partirmos da premissa de que os conhecimentos são frutos de processos sócio-históricos, efetuados por coletivos em interação com o meio, devemos compreender, na mesma ótica, os diferentes grupos étnicos fazem parte deste conhecimento, dessa forma, seremos sujeitos inquietos, questionadores como forma de resistência a monocultura, assumindo a diversidade cultural como um manancial de saberes e conhecimento.

Referências

- ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre**. Imagens e autoimagens. Petrópolis: Vozes, 2000.
- COLL, A N. **Propostas para uma diversidade cultural intercultural na era da globalização**. São Paulo: Instituto Pólis, 2002 (Cadernos de proposições para o século XXI, 2).
- FLEURI, Reinaldo Matias. Desafios à educação intercultural no Brasil. **Educação Sociedade & Cultura**, n. 16, p. 45-62, 2001.
- FLEURI, R. M. **Intercultura e Educação**. **Revista Grifos**, n. 15, p. 16 – 47, maio. 2003.
- GADOTTI, Moacir. **Diversidade Cultural e Educação para Todos**. Juiz de Fora: Graal.1992. p. 21, 70.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo** /organização do documento: Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. 48 p.
- HERMANN, N. **Hermenêutica e educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- KUNZ, E. **Fundamentos normativos para as mudanças no pensamento pedagógico em Educação Física no Brasil**. In: CAPARROZ, F. E. (Org.). **Educação física escolar: política, investigação e intervenção**. Vitória: Proteoria, 2001.v.1.
- MARÍN, José. **Interculturalidade e descolonização do saber: relações entre saber local e saber universal, no contexto da globalização**. **Visão Global**, Joaçaba, v. 12, n. 2, p. 127- 154, jul./dez. 2009.
- MÉNDEZ, José Mario Méndez. **Educação intercultural e justiça cultural**/ Traduzido por Antonio Sidekum. São Leopoldo: N. Harmonia,2009.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**. Porto: Edições Afrontamento (2006).
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologias do Sul**. Org. Boaventura de Souza Santos e Maria Paula Meneses. Coimbra: Almedina ,2009.
- SANTOS, José Luiz dos, **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- SILVA, Tomaz Tadeu. A Produção Social da Identidade e da Diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu: HALL, Stuart; WOODWARD, Kayhryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

Recebido em 2020-09-29
Publicado em 2021-09-01